



A PHOCA.

O INTERESSANTE amphibio que a nossa gravura representa com a maior fidelidade, pertence a especie commum que os viajantes, assim antigos como modernos, descreveram tantas vezes e tão variamente sob as denominações de *vitella marinha*, *cão* e *lobo do mar* etc. Vive de ordinario nos mares do norte, onde não é raro encontrar innumeraveis ranchos de phocas; tambem apparecem, mas só accidentalmente, nas costas da Franca e Inglaterra. O individuo copiado na nossa estampa viveu por espaço de alguns mezes no Jardim das Plantas, em Paris, graças aos desvelos do respectivo encarregado. Foi desenhado no momento em que engolia um peixe, que lhe fóra

atirado. A sua physionomia conservou o desentador toda a expressão do animal, de meigo e intelligente olhar, sociavel, e reconhecido, a respeito do qual nos ficaram dos antigos tão exaggeradas relações. Todos se recordam ainda d'aquellas poeticas descripções das serças, que com suas vozes harmoniosas eram o encanto dos mares, e a ruina dos navegantes, se alguma deusa propicia lhes não acudia no perigo.

Devemos, porém, notar que a voz da phoca nada tem realmente de agradável.

A conformação e habitos da phoca fizeram-a comparar com diferentes animaes. A cabeça, nas fírmes

exteriore da uma idea da lontra; o focinho tem alguma analogia com o de uma vitella, e por isso alguns a designaram pelo nome de *vitella marinha*. O nariz é pouco saliente; o labio superior da bôca é guarnecido de pêllos, desiguaes no comprimento, e como ondulados. As orelhas são pouco desenvolvidas e apenas visiveis; distinguem-se sómente por dous orificios, de pequeno diametro, a pouca distancia dos olhos, e são unicamente defendidas por umas exiguas protuberancias. As maxillas da phoca são guarnecidas de tres especies de dentes: incisivos, caninos e molares. Estes caracteres da dentiçãõ, independentemente de varios outros, bastam para determinar o logar que o animal deve occupar na escalla dos vertebrados, e para o não confundir nem com os cetaceos, nem com certos peixes, com os quaes tem aliás alguma similhança, nas fórmas do corpo em geral, na dos membros, em particular, e tambem no genero de vida. A phoca, de feito, tem o corpo como os cetaceos e os peixes; os membros assemelham-se ás barbatanas, e vive quasi exclusivamente na agua; mas, pela natureza dos seus dentes, é essencialmente carnívora.

O que ha de mais admiravel na phoca é a singular conformaçãõ dos seus membros; são estes mui curtos; os anteriores seguem uma direcçãõ transversal ao eixo do corpo; os posteriores a direcçãõ d'este: os anteriores (as mãos) têm cinco dedos reunidos por uma membrana, e armados de garras; nos posteriores, que são de uma fórma muito mais achatada, tem igualmente cinco dedos; a distancia tomar-se-iam estes ultimos pela cauda do animal.

Estas proporções, que inhabilitam a phoca de andar com facilidade por terra, dão-lhe na agua uma agilidade extraordinaria. É por isso que a phoca vive quasi sempre no mar, e só occasionalmente vem a terra; este caso dá-se quando vem aqui depositar os filhos, ou quando pretende descansar.

A phoca, que a nossa estampa representa, e que foi apanhada na foz do Somme, do lado de Abbeville, sustentava-se exclusivamente de peixe; comia nada menos de cinco a seis arrateis de peixe, por dia, e despresava absolutamente qualquer outro alimento. Posto que não fosse indispensavel dar-lhe vivo o peixe, a phoca demonstrava grande contentamento quando os animaes que se entregavam á sua voracidade davam alguns signaes de vida.

Uma particularidade mui notavel das phocas é o extraordinario alcance da sua vista, no seio dos mares; o elemento liquido não lhes perturba o órgão da visãõ, como acontece á maxima parte dos mamíferos; e, cousa ainda mais singular, pôde estar longo tempo em terra sem que padeça lesãõ consideravel n'esse órgão essencial. É um phenomeno este que a sciencia anatomica ainda não soube explicar satisfactoriamente.

Ha poucos annos vimos em Lisboa um d'estes interessantes amphibios, e pudemos apreciar algumas das qualidades que deixámos indicadas.

A SÉ DE COIMBRA.

Nos annos de 1139 — 1143 era bispo de Coimbra D. Bernardo, e a Sé como a vemos não corôava o outeiro, em que hoje está assente. Os pagos episcopaes, a residencia do prelado existia em S. João de Almedina, memoravel pelos attentados do famoso arcebispo de Braga D. João Peculiar. Mesmo n'aquelle seculo, costumado a assistir a scenas de violencia, pareciam inauditos os excessos commettidos pelo pre-

lado bracarense. Custa a crer que a soberba e a impiedade ousassem tanto, lendo-os descriptos em uma serie de documentos contemporaneos, aonde a verdade diz tudo pelo seu nome, e não teme applicar a merecida reprovaçãõ. O retrato do arcebispo é tirado do natural, e vê-se por elle quaes foram as suas feições moraes. D. João Peculiar era homem que o sacrilegio e o desacato não assustaram. Acima da sua vontade prepotente e do seu odio não conhecia que havia Deus!

As causas, d'onde procedeu a discordia, entre o bispo D. Bernardo, e o altivo bracarense, não são claras; sabe-se, porém, que o arcebispo devia gratidão e amisade ao cabido de Coimbra, por beneficios que as almas nobres não esquecem. Recolhido e educado por um dos priores da Sé, quanto foi devido ao cuidado do seu generoso protector. Em quanto precisou, como os hypocritas, fingiu-se humilde, agradecido e obediente. Adoptado como filho, largou o habito de monge que vestia no tempo do abbade João Cirita, para se cubrir com as roupas de conego; e aspirando a maior elevaçãõ, poz os olhos no solio episcopal e não poupou esforços para o obter. N'esses annos os jejuns e as penitencias, de que fazia espectáculo, edificavam os fieis, e levavam longe, ao pago real até, o perfume das suppostas virtudes. Com a constancia da ambiçãõ latente, dissimulando o coração mundano sob as apparencias da santidade distrahida do seculo e só esperançada no céu, venceu as paixões e os impetos da sua indole, e conseguiu á força de vontade o premio a que mirava. Apenas assentou a mitra na cabeça e apertou na mão o baculo, fez da primeira uma corôa de ferro, e do segundo uma clava de oppressãõ. Desde que não precisou da Sé de Coimbra, voltou-se contra ella e declarou-se inimigo mortal. O orgulho, o fausto, e a cubiça, tres tentações que lhe enfureciam o animo, precipitaram-no sem remorso e sem receio em toda a especie de violencias.

Por occasiãõ das dissensões com o bispo de Coimbra invadiu a cidade a mão armada, e quebrando as portas da igreja de S. João, aonde residia D. Bernardo, virou as iras contra os altares, que arrasou, e contra os vasos e cruces, de que juncou o pavimento. Os candelabros partidos, os frontaes dilacerados, e a hostia lançada por terra serviram de escarneo aos seus sicarios. Unindo ao sacrilegio a expoliaçãõ investiu com os celleiros do cabido, e arrombou-os para levar o que encerravam. Um troço de arabes entrando vencedor no templo não seria mais feroz. O papa interpoz a sua auctoridade, mas a soberba e a crueldade do orgulhoso bracarense não vergaram. D. João Peculiar esperou firme, sem desviar um passo, os raios do Vaticano; e tempos depois, zombando das comminações de Roma, respondia aos vigarios apostolicos: *que elle nas suas terras era tanto como o papa!* (1)

Sobre estes acontecimentos, e attenuado apenas o horror do desacato, foi que o bispo D. Miguel se dedicou a edificar a Sé com o auxilio de D. Affonso Henriques no anno de 1177. N'esta empresa achou-se a braços com grandes obstaculos, e mais de uma vez teve desupportar as tribulações e opprobrios, que as memorias contemporaneas citam, e que parecem procedidos de novas invasões de D. João Peculiar (1175 a 1181), cujo odio e temeridade a allusãõ dos documentos torna a indicar. Pondo de parte estas

(1) Et sigillum vestrum contempsit, sed etiam in terra sua se ipsum tantummodo papa esse jactavit. Livro Preto de Coimbra fol. 247 in princip.

scenas deploraveis, e fechando o Livro Preto, nas paginas consagradas á lucta sacerdotal, procuremos as curiosas descripções da fabrica da igreja, que elle nos conserva. Vejamos quem são os mestres, que a levantaram, qual o prego dos salarios, e a maneira de os receber. Este aspecto interessante da historia da cathedral deve-se ao pio zélo dos seus archivistas. Sem elles o conhecimento de factos tão importantes pela luz que lançam sobre o estado social da monarchia, ainda na infancia, e principiando a crescer dos seus laboriosos rudimentos, seria completamente ignorado. As obras começaram com donativos dos conegos e do bispo. Além de grossa quantia de dinheiro, o prelado concorreu com uma formosa junta de bois, avaliada em doze morabitos (pouco mais ou menos 19\$200 réis.) O architecto Bernardo, dez annos director das construcções, recebeu 124 morabitos (198\$400 réis) comendo á mesa do bispo, e tendo annualmente um vestido completo na valia de 3 morabitos (4\$800 réis). Apesar da importancia (para a epocha) d'esta remuneração, mestre Bernardo estava longe de ser um engenheiro irreprehensivel. Correndo as contas das despezas nota-se uma verba applicada no pagamento de outro architecto, Roberto de Lisboa, quatro vezes chamado a Coimbra para emendar a obra, e sobre tudo para se incumbir do trabalho do portal. Este antecessor de Miguel Angelo trazia consigo um estado de quatro moços e quatro jumentos, que o bispo pelo contrato estava obrigado a sustentar, cousa menos facil do que pôde figurar-se. Além da cevada, do pão, e da carne e vinho necessarios para o consumo dos homens e dos asnos, o mordomo episcopal pagou a mestre Roberto a somma avultadissima, visto o prego do dinheiro n'aquelle tempo, de 1:510 morabitos (2:416\$000 réis!) O architecto Bernardo, que, sob a tutela do mentor de Lisboa, dirigia a obra, falleceu durante ella; e o seu successor mestre Sueiro, varão menos importante ao que parece, não obteve as honras lucrativas do talher á mesa do bispo, dando-se-lhe em compensação um vestido por anno, um quintal de vinho, e um moio de pão.

O architecto Roberto, incumbido do desenho e lavor do portal e da correcção da obra, não foi o único artista de fóra que veio trabalhar na Sé de Coimbra. Entre outros apparece um estrangeiro, mestre Ptolomeus, (nome bizantino) como auctor do famoso retabulo dourado do frontal, e do quadro com labores de ouro da Annunciação da Virgem. Ptolomeus tinha por anno 150 morabitos (240\$000 réis), e o ourives Felix, que fez o jarro e a bacia de prata para o serviço da missa, recebeu pela mão de obra 7 morabitos (11\$200 réis.) Tanto na composição e ornato das aras e columnas do altar de Santa Maria, como no pavimento das absides, lageado de mosaico em xadrez, dispenderam-se 40 morabitos (64\$000 réis.) A cruz de ouro fino, dadiua do bispo, era a maravilha do templo. Algumas lascas do santo lenho embutidas no metal precioso, e duas laminas tiradas da pedra do monte Calvario, tornavam-na extremamente devota. Em uma das laminas, ao meio da cruz, estava esculpida com grande primor a figura de Christo crucificado; e do outro lado a da Mater Dolorosa. A generosidade do bispo não se limitou a esta bella offerta. São innumeraveis as dadiuas de vasos, vestimentas, e joias com que enriqueceu o thesouro da cathedral, subsidiando as obras, e estimulando-as de dentro mesmo da cella de Santa Cruz, aonde se tinha recolhido padecendo de uma enfermidade aguda.

Não respiram toda a singeleza da meia idade estas noticias lançadas por um conego no registo da

cathedral! Aquelle architecto que o bispo assentava á sua mesa, e ao qual dava um vestido todos os annos, não provará a estimação das artes! A vinda de mestre Roberto para emendar as obras e presidir ao lavor do portal, sendo elle estrangeiro, como o nome indica, não nos explica o ar de parentesco de alguns monumentos nossos como os de fóra do mesmo periodo? Naturalmente o architecto chamado de Lisboa pertencia á raça do norte, tendo vindo em qualquer das frotas de cruzados, que entravam frequentemente no Tejo. Se a conjectura não é arriscada, acha-se mais do que provavel que o bispo, desejando que a nova Sé se levantasse igual na perfeição e na grandeza aos edificios religiosos da epocha, não poupou sacrificios para corrigir e aformosear a sua cathedral pela mão de um artista, formado na escola, que produziu as bellas epopeias de pedra da França, da Inglaterra e da Allemanha. Com este mestre Bernardo podia aprender sem pejo; e Coimbra, acabado o templo, não seria orgulhosa exclamando: «a nenhum inferior no reino!»

De feito ha'na Sé de Coimbra um caracter indelevel. E a magestade sacerdotal na sua expressão elevada. Mesmo depois das renovações do bispo D. Jorge de Almeida em 1540 e do bispo Afonso de Castello Branco no seculo 17.º, o sentimento que predomina ainda é o da agte menos florida e mais crente do seculo da fundação. O typo austero conserva pura e intacta a severa belleza apesar dos estragos e das reparações successivas. Rodeada de uma corôa de ameias, fortificada com as duas torres meias guerreiras, meias devotas, a antiga cathedral, como os seus primeiros pastores, era a imagem da igreja militante. Esta armadura de pedra assemelhava-se á couraça envergada sobre as vestes clericas pelo bispo e pelos conegos nos dias de conflicto. Por fóra estava o castello; por dentro a casa de Deus, aonde a fé aos pés da cruz se abraçava com a esperança!

O que acabamos de expôr em resumo foi textualmente extrahido do Livro Preto de Coimbra, de um documento intitulado *Minutatio testamentorum sive hereditatum sedis S. Mariae Colimbricensis*. Por elle é que se descobriu aproximadamente a epocha da fundação da Sé, e as principaes circumstancias da sua origem e structura. Collaça da monarchia, e filha de Afonso Henriques, a cathedral, se não remonta aos godos e aos arabes, nasceu em um periodo sagrado pela victoria, e heroico pelos prodigios de valor e de abnegação, que o enobrecem. A lenda que poeticamente queria levar a Sé a uma antiguidade fabulosa expirou diante da historia, como vacillava já perante o raciocinio critico. Era escabrosa na realidade de concordar a remota existencia attribuida á cathedral com a destruição completa de Coimbra! Só um milagre conseguiria, que reduzida a ruinas a cidade escapasse da assolação o monumento religioso para justificar os brazões archeologicos, inventariados pelos seus genealogistas.

L. A. REBELLO DA SILVA

INSTRUÇÃO POPULAR

III.

Das variações, porém, da orthographia em idades successivas, e em periodos litterarios diversos, a des-harmonia, e á confusão da orthographia na mesma quadra litteraria, na mesma cidade, no mesmo tempo, nos mesmos livros, nas mesmas paginas dos livros, vae uma distancia infinita. Modificar um idioma,

alterar com as vozes a sua representação phonica, é proprio de todas as litteraturas e de todos os tempos. As palavras envelhecem, cáem, rejuvenescem e resurgem, segundo a engenhosa comparação de Horacio, e ninguém tem direito de se insurgir contra uma geração porque accrescentou o peculio litterario com algumas idéas novas, a que correspondem de necessidade novas e desusadas fórmulas de dizer. Mas todos tem o direito de criticar e pôr em duvida a racionalidade de um povo, a illustração dos seus sabios e litteratos, quando os vê auctorisando continuamente com os seus escriptos a barbara desordem da orthographia; todos tem o direito de considerar muito longe da perfeição todo o idioma, que se não pôde ainda, ao cabo de seis seculos de cultura e de trato continuado, amoldar em fórmulas racionais, sujeitar-se rigorosamente a leis inexoraveis, e adaptar-se a um modo unico de representar pela escripta a mesma palavra, constituída sempre por sons identicos e invariaveis.

Que a lingua portugueza viva, pela syntaxe e pela construcção, n'um regimen de liberdade immoderada; que todos os dias estejamos presenciando as mais flagrantés violações do genio da lingua, em construcções forçadas, em phrases destituídas de eulho nacional; que diariamente tenhamos de lamentar a falta de uma grammatica racional, philosophica da lingua portugueza, que seja como o código do idioma nacional, e a expressão das regras que podemos colher da leitura conscienciosa de todos os nossos escriptores de nota; que a lingua portugueza escripta n'estes ultimos tempos, em milhares de jornaes, de brochuras e de livros incolores e insipidos, vulgarisada mais do que nunca, prostituída até pelos desvarios e pelas prodigalidades da imprensa, esteja dando ao mundo o espectáculo de um idioma ancião, arriscando agora apenas os primeiros tentames para se regularisar; tudo isso damol-o se querem de barato: mas não consentiremos que n'um tempo em a lingua é mais escripta do que fallada, e mais impressa do que manuscrita, se mantenha uma orthographia multipla, incoherente, arbitraria, e tão anarchica, tão desordenada, que cada escrevinhador se arroga o direito de legislar sobre o assumpto, e tão absurda, que por mais lettrado e culto se tem o innovador que forceja por tornar mais disparatada a relação entre o som articulado e os signaes que o devem exprimir na escripta.

De todas as linguas europeas, que nós, ainda que perfunctorianamente, conhecemos, é a portugueza a mais rica de fórmulas orthographicas, e por consequencia, n'este ponto, a mais pobre de senso commum.

Os sons fundamentaes que constituem a palavra são quasi identicos no fundo em todas as linguas neo-romanas, e mesmo nos idiomas que do theutonico trouxeram a sua origem. Não diremos que em todas as linguas cultas da Europa se tem seguido até hoje a regra logica de representar cada som por uma letra differente, e de consagrar cada letra a um unico som. Excepções, violações flagrantés d'esta regra se commettem a cada passo em alguns idiomas dos que mais cultos e aperfeicoados se reputam. Mas ao menos nas proprias nações que mais profunda e mais irracional tornam a relação entre o som e o signal phonico, nota-se a observancia d'esta lei constante, implacavel, de escrever cada palavra de um modo sempre invariavel.

A lingua ingleza, das geralmente conhecidas, é a mais barbara em orthographia. Aqui o luxo das letras inuteis attinge proporções verdadeiramente desanimadoras para o mais assisado orthographo estrangeiro. Um signal unico representa sons inteiramente

te dissimilhanes. Vêdes n'aquella palavra aquelle *a* exactamente igual ao que soletraes nas vossas cartilhas? Cuidado com a pronuncia d'essa letra fatal e traçoira. Agora tél-a-heis como *a*, mas depois te-reis de pronuncial-a como *e*, logo depois como *o*. Vêdes a palavra *night* (noite)? imaginaes que se lerá como as letras *o* estão por si mesmas indicando? Pois enganaes-vos; porque, em primeiro lugar, o *i*, que em muitos casos se lê como nós o pronunciamos, agora figura por *ai*, o *g* e *h* são parasitas, que o orthographo escreve cuidadosamente, com o fim expresso de representarem um som que não existe. Um china que abrisse ao accaso um livro inglez, e que visse a enorme quantidade de letras inuteis, um china tão avaro de caracteres superfluos na sua escriptura hieroglyphica, dar-lhe-ia vontade de sorrir diante d'este ridiculo litterario dos civilisadores officiosos de todo o mundo.

Sabeis, lhe replicaria gravemente algum doutor de Oxford, ou de Cambridge, como conservador dos fóros litterarios da sua lingua, sabeis porque ha tantos caracteres parasitas na nossa linguagem escripta? É para conservar, archivada nos monumentos escriptos, a filiação etymologica das nossas palavras. Esta palavra *night*, que vêdes escripta de um modo que vos parece irracional, derivou-se da voz *nacht* allemã. Ora é claro que d'esta vez, como quasi sempre, os etymologicos perdem o seu litigio, porque a palavra ingleza, corrompida da sua matriz primitiva, conserva letras que na raiz original se não encontram.

O absurdo nem tem ao menos por si uma sombra de razão. E comtudo a Inglaterra, o paiz realmente revolucionario, remodelando em poucos seculos o seu viver e o seu erer, não se atreveu a desterrar e proscrever a sua orthographia. Um povo, que fez uma revolução para alterar essencialmente a religião do estado, e que em guerras e discussões religiosas derivou do Christianismo centenas de seitas e de communhões differentes, um povo que inscreveu o seu nome no livro dos grandes revolucionarios, escrevendo-o com o sangue de um regicídio, um povo que destrona réis, que inventou a industria moderna, que se adjudicou a si proprio o imperio dos mares, que se constituiu o herdeiro forçado de todos os conquistadores transatlanticos, de quasi todos os povos europeus, esse povo gigante, emprehendedor, progressista, recuou diante de uma letra duplicada, faltaram-lhe as forças ao levantar a esponja humedecida contra um *h* isolado e mudo no meio de uma palavra saxonica. O logista de *Oxford street*, que economisa os minutos com mais affan e sordidez que os guineos, não escreverá uma carta de negocio sem cumprir com a mais impertinente etiqueta os preceitos da orthographia; e o fabricante de Manchester não apporá nos pacotes do seu producto o bilhete da fabrica sem consultar primeiro os praxistas na difficillima pratica da orthographia breton.

J. M. LATINO COELHO.

UMA INSCRIPÇÃO DO SETIMO SECULO.

Por occasião de se fazer uma excavação no sitio das antigas fortificações da cidade de S. Quintino, cêrca da porta de S. Martinho, encontrou-se, em janeiro de 1826, uma pedra (que os trabalhadores infelizmente partiram) medindo 0^m, 42 de altura sobre 0^m, 36 de largura, e 0^m 06 de grossura, com a seguinte curiosissima inscripção:

ANNO SEXTO CENTO
POSITUS FUIT HOC
MONUMENTUM PER
JUSSU CLOTARIUS
FRANCORUM REX
CHILPERINI FILIUS
ITER FACIES SUESIONEM
DIES JANUARI VISENTI.

Que em portuguez, vem a dizer, pouco mais ou menos :

NO ANNO SEISCENTOS
FOI LEVANTADO ESTE
MONUMENTO POR
ORDEM DE CLOTHARIO
REI DOS FRANCO
FILHO DE CHILPERICO,
INDO PARA SOISSONS.
A 20 DE JANEIRO.



No fim da inscripção vêem-se tres pequenas rodelas de chumbo collocadas a distancias iguaes. Este monumento, que tem nada menos de 1252 annos de existencia, refere-se á epocha sem duvida mais obscura da historia de França; porque Gregorio de Tours, que morreu em 595, acaba a sua obra com o nascimento de Clothario II, e Fredegario, seu continuador, escreveu cento e cincoenta annos depois. Os erros e incorrecções que se encontram n'esta inscripção não devem causar espanto a quem souber qual era o estado das letras no 6.^o e 7.^o seculos.

Para o estudo da historia e da diplomatica é este pequeno monumento de um interesse incontestavel, e por isso o reproduzimos exactamente.

VIAGENS.

UM PASSEIO Á NORUEGA. (1)

NAVEGÁMOS um dia inteiro pelo Handanger-fiord dirigindo-nos a Kinservig, principal parochia e juris-

dicção municipal do districto na ramificação denominada Samler-fiord. Nunca me esquecerá esta deliciosa excursão. Quanto mais progredimos por esta magnifica ria mais voltas ella dá, e mais se ramifica, é como uma rua principal onde vem dar ruas mais estreitas; e senão fôra a altura das muralhas de penedia cortada a pique, dir-se-ia, observando a regularidade dos planos ser trabalho da mão dos homens; a cada rodeio a paizagem muda de aspecto, n'umas partes aprasivel e graciosa, mais além severa e magestosa; ora offerece ribanceiras abruptas, escavadas, ora jardins naturaes em amphitheatro; a maior distancia levantam os topos até as nuvens, muito acima de montanhas, aridas, arborisadas outras, as cumiadas de gelos eternos, que produzem nas aguas da ria reflexos de admiravel transparencia, onde se esperguigam ou brincam bandos de cysnes e outras aves aquaticas.

No terceiro dia entrámos cedo no barco, tendo passado uma noite excellente em casa do respeitavel cura de Kinservig, e subimos pelo Eid-fiord, uma das ramificações do Samler-fiord. Este dia não foi menos formoso e interessante do que o precedente. Ao cair da tarde, abordámos ao ultimo reconcavo do golpho na aldeola de Vige-Grund, onde não se faz uso de pão; bebemos leite, comemos algumas batatas, e deitamo-nos em feixes de palha; ali dormimos profundo somno.

Ao romper do dia estavamos a pé, mas tivemos de esperar muito tempo pelos cavallos, posto que estivessem alugados com bastante anticipação. Felizmente era domingo. Aproveitei esta delonga para examinar o vestuario pictoresco dos homens e mulheres que de todos os sitios do valle concorriam á igreja; cumprindo notar que o camponez da Noruega é muito religioso. Nas serranias ha familias que residem a seis, oito, e ás vezes dez leguas de distancia da igreja, todavia assistem regularmente de inverno e de verão aos officios divinos: algumas edificam perto da igreja uma choupana para terem um abrigo quando vêem desempenhar seus deveres religiosos. Os que não pôdem, por falta de saude ou por outro qualquer motivo, fazer aquella penosa e longa excursão, não passam o dia festivo sem recitar alguns psalmos e lêr algumas paginas devotas. Nenhuma habitação encontrareis em Noruega, por mais pobre que seja, onde não acheis á mão uma *Biblia*, um *Psalterio*, e alguns livros de orações; nas familias mais abastadas esses livros são de esmerada encadernação e com fechos de prata.

As igrejas da Noruega são, como as casas, construidas de madeira, com a differença de que sua architectura é mais singular, é por assim dizer ao estylo china. Em geral, as casas compõem-se de barrotes assentados horisontalmente, emalhetados com segurança pelas pontas com quatro entalhos, e a maior parte são forradas de tabuas tanto por dentro como por fóra. Duram longo tempo; a humidade não penetra, e o calor não é absorvido como nas construcções de pedra e cal; e por isso são mui commodas e sadias: altas, espaçosas, cobertas de telhas nas planicies, sobre tudo nas visinhanças das grandes povoações, são mais baixas nos sitios montanhosos, mais pequenas, e têm por tectos cascas de vidoeiro e relva. De ordinario a vivenda do serrano só tem dous quartos; mas em redor ha cabanas que servem de arribana, de celleiro, de grangearia; os trastes d'estas moradas ruraes são de ordinario simplicissimos, e fabricados pelos proprios camponezes. Nas montanhas os paes de familia, quando tinham poupado algum dinheiro, costumavam comprar alguma pega de louça de cobre, que penduravam na parede como si-

(1) Concluido de pag. 398 do 9.^o vol. — 1.^o da 2.^a serie.

gnal de prosperidade da casa: agora preferem comprar colheres e baixella de prata; mas a de cobre conserva-se; a dona da casa limpa-a com muito desvelo, e tem desvanecimento de a vêr luzir colgada das paredes de sua casa.

Em algumas provincias havia o costume de encravar nas cadeiras de assento os primeiros dentes das creanças, e ha camponez, segundo refere mr. Marmier, que ainda hoje descansa as pousadeiras em moveis ornados com os dentes de seus paes e de seus antepassados.

Este paiz apresenta tantas cousas singulares que outras muitas te poderia contar se não tivesse pressa de chegar ao termo da minha viagem, isto é, ao seu principal objecto, a catadupa do Voring. Passarei pelo alto um lago selvatico que cruzamos n'um barco; é uma especie de funil por onde escorrem em quasi toda a circumferencia quedas de agua que vão polindo a superficie sem a corroer; a ponte do Lund no valle do Voring, enfeixamento extravagante de troços de pinheiro e de cordas, que parece construida de proposito para exercicio de funambulos, d'onde por bem pouco que não resvalei para uma torrente arrebatada e estrepitosa na altura de sete braças: o Chaos, amontoado phantastico de penhascos derrocados n'uma ladeira precipitosa, que é mister trepar pelo mais picturesco de quantos lanços eu tenho subido na minha vida. Basta que saibas que, ao cabo de duas horas, ora por atoleiros, ora por trilhos quasi a prumo, tão difficéis de galgar como os do Chaos, ora finalmente pela cavidade de desfiladeiros d'onde chega um homem a pensar que nunca poderá sair, viemos por ultimo parar áquella assentada que leva caminho direito o viajante até Voring-Foss.

Não ha espectáculo tão triste como esta planura de terreno limoso e inconsistente na generalidade: o que não é rocha é lameiro de atolar; nem ha lá tojos ou arbustos enfezados: está de tal sorte repassada pelas neves que os cavallos cravando-se até á barriga não puderam levar-nos mais longe; foi-nos preciso apear. Ainda ficava distante a cascata, jornada de vinte minutos pelo menos; já lhe ouviamos o estrondo, e nos indicava o caminho uma columna enorme de vapor alvo que jorrava para os ares incessantemente. Se não fosse esta bulha, e este vapor, ninguem lá chegava sem guia, estando tão mettida entre alcantilados rochedos. Só se descobre a beira do abysmo, pego estreito onde se precipita da altura de mais de 300 metros (133 braças); e assim mesmo só pôde ser admirada olhando-se de cima para baixo de um angulo do vivo da rocha, que sáe fóra perpendicularmente sobranceira, porque os lados internos do sorvedouro são tão escarpados, e no fundo é tão apertado que só lá pôde descer-se pendurado da ponta de uma corda e com gravissimo risco.

A torrente do Voring é alimentada por nove ou dez lagos superiores, depositos ou receptaculos das neves de toda a elevada cordilheira do Sysseidal, onde os cumes nivelados em vastas corôas tem de altura de 1:500 até 1:800 metros. Engrossada assim com todas essas aguas n'um raio de quasi quinze leguas chega immensa, soberba, impetuosa ao valle superior de Moeb. Correndo em planicie por algum espaço, vê-se que ensaia suas forças contra as fileiras de rochedos inclinados, que não obstante lhe apresentarem o costado fórté de suas camadas tem sido salcados pelo impeto das correntes. Logo depois faz um cotovello, e achando na rocha, apesar de tão sólida, um intersticio, um espaço livre, sem duvida por effeito de algum abalo de terra, ali se precipita, e divide em duas partes, como de um só jacto, toda a montanha na immensa altura perpendicular de 330 metros.

É a maior cataracta do mundo todo, exceptuada a de Gavarni nos Pyrenneus, que tem perto de 390 metros, mas que em compensação d'esta desmesurada altura pôde dizer-se que não passa de um fio-sinho de agua, como o Staubbach em a Suissa, que fluctua a sabor do vento e se espalha quasi como pó antes de tocar no chão. Não pôde ter comparação, salvo com a de Riu-Kan-Foss na proximidade de Christiania, que tem menos 33 metros de altura, porém é do mesmo modo valente e bella. Para te dar uma idéa do espectáculo sublime que tinha á vista, imagina o Sena na epocha das maiores enchentes, caíndo de uma altura que fosse tres vezes a do zimborio do *Asylo dos Invalidos*.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO IV.

Vira-se o feitiço contra o feiticeiro.

DEIXAMOS o judeu nas mãos da gentalha, e em termos de responder com a sua humilde pessoa pelo holocausto do Homem-Deus, commettido mil e duzentos annos antes no Golgotha, graças ao zêlo dos seus nobres antepassados, os pharizeus e scribas de hypocrita memoria. Vimos, que o nosso armeiro já não podia com o povo, e que a correcção dos noventa açoutes estava por instantes a tomar as proporções de um mergulho, ou baptismo crú, na limpha pura do Mondego. E justamente, ao dar-se o *casus foederis*, dissemos que vinha descendo da ladeira para a praça a milicia do concelho, trazendo á frente a repolhuda figura do porteiro da cidade, Sueiro Gundes, gordo como Vitellio, e parvo como os grandes parvos, que a Providencia deixa vegetar no mundo segundo a regra admiravel das compensações.

Agora observemos o mais que succedeu.

O porteiro e a escolta formaram em roda do pelourinho. Sueiro Gundes, anão pela estatura, de dorso abaulado, com o nariz chanfrado, e os olhos suínos, trepou-se á escada proxima, e de cima fez signal de que desejava arengar ao povo. A multidão respondeu com vaias e assobios.

É que, exceptuando os alvasis, o porteiro Gundes gosava da merecida reputação de ser o mais crasso e estúpido animal de Coimbra, e com costella de mouro para cumulo de venturas!

— „Homens villãos...” principiou o orador. „Him!” grunhiram os rapazes, imitando o aspero falsete do Demosthenes municipal. „Him! fóra o marrão!”

Era a alcunha do eloquente Sueiro.

— „Meus amigos...” continuou este.

— „Adiante!” gritou um barqueiro, e o povo com elle.

O funcionario palreiro esgazeou os olhos, e espalmou as mãos, proseguindo:

— „Em nome dos alvasis, mando que soceguem. Não tolham a saída ao honrado thesoureiro d'el-rei, senão justiga e exemplo se dará de modo... ai!”

Um repolho, ou outro projectil agricola, disparado por mão certa, batendo na roliga cara da gralha de Almedina, poz em derrota o discurso, encheu-lhe a bôca de dentes. Ao mesmo tempo a cholera, de que a interpegação brutal fóra annuncio, converteu-se em longas e etridentes gargalhadas. Por cima

do pulpito de Sueiro Gundes, e quasi a prumo sobre a cabeça do facundo magistrado, um gaiato de doze annos, enrolado no albornoz de D. Zuleima, acabava de depôr solemnemente na frente do orador a touca do judeu, ornada de duas cristas vermelhas, da largura cada uma de um leque.

Era o que hoje chamariamos uma allusão pessoal ao parentesco pharisaico de mestre Gundes com os judeus. Aturdido da pancada, e fulminado pela corôação em plena praça, o prégador municipal fez-se roxo, passou de roxo a fullo, e desceu precipitadamente ao som das apupadas.

Apenas se viu no meio dos seus bésteiros, Sueiro Gundes, affogado em raiva, em gordura, e em suor, ordenou-lhes que varressem o terreiro da canalha que o tomava. Isto era facilimo de dizer, e muito ariscado de executar. Os frecheiros encurvaram os arcos, os soldados menearam as ascumas, mas o legitimo receio de saírem d'ali sem orelhas, se acaso passasse pela cabeça dos amotinados recorrer á força, não os deixou passar do gesto. Entre os bésteiros e os populares tinha-se travado já um tiroteio de chascos e injurias. Um dos couteiros, rindo, destacou-se do tropel, e apontando para o capitão do troço:

— « Não pegues assim no arco, homem, » gritou elle, « olha o vento. Queres mandar o vitote de presente ás ameias d'aquella torre? Outro officio, velho! »

— « Se não beberes melhor uma tarrassada de vinho, do que jogas a ascuma, Eriz, bradava um galliote, não passas d'agua fria. »

— « Vamos bésteiros! » exclamava o enfurecido Sueiro Gundes.

— « Pum! Paph! » berrava a rapazia saltando e pulando diante d'elle com a insolencia innata do garoto.

— « Foge tavoleiro, » gritava um do povo a outro, « não vês o cavalleiro conego! »

— « Morra São Mafamede! » rugiram velhos, creanças e homens.

Uma especie de truão popular, a curta distancia do illustre Sueiro, desafiava as suas iras.

— « Sua mercê ainda não viu a cara aos mouros? » perguntava elle.

— « Mouros são, e mouros vão! » cantarolaram as moças do mercado.

— « Bésteiros, adiante! » gaguejou o triste magistrado, tartamudo de cholera.

— « Santiago cérra! » bradaram alguns da gentilha ás risadas.

— « Viva o Cid! » disseram outros.

— « Viva o porteiro Gundes e sua avó a moura Zára! »

— « Sua mercê parte para a guerra? »

— « A cavallo no cão do mordomo? »

— « Guapo cavalleiro! . . . »

— « Famoso sendeiro! »

Era um desaforado escarneo, capaz de endoudecer quem estivesse no caso de endoudecer. Mestre Sueiro não endoudeceu, porque nunca teve juizo; mas esbravejava, tremia de medo e de raiva, fazia-se de mil côres, e daria tudo para estar a cem leguas d'ali.

O populacho ria, apinhava-se em redor dos soldados, batia as palmas, e açulava o porteiro do concelho.

— « Pum! »

— « O judeu ao rio! » gritou uma voz. « Ao rio, mata! » clamaram todos.

— « O judeu e o porteiro. »

« Não se faça marralheiro. »

— « Mata o marrão! Him! pum! »

E investiram com os bésteiros, que desordenadamente recuaram tanto, quanto avançavam os contrarios. Pedro Britador viu logo, que o combate travado e os bésteiros em derrota, tudo seria obra de dous minutos; e com o seu juizo grosso, mas claro, avaliou as consequencias da victoria; por isso, do alto do pelourinho municipal, aonde estava, disse em grande brado:

— « O da forja da Portagem, aqui! barqueiros de S. Cacufate, a mim! »

— « Arraia miuda de D. Vetaça, casca pelo alfageme! » exclamou o falsete da cigarra bellicosa, que aos pulos, saltava em redor dos bésteiros e de mestre Pedro.

No meio da maciça mó de populares abriram-se dous claros. Os ferreiros, alguns galliotes, e os moços do monte rompiam distribuindo alentados golpes á direita e á esquerda.

— « Morram os traidores! »

— « Enforque-se Judas! »

— « Queres os trinta dinheiros! »

A tempestade caía agora sobre o armeiro, que respondeu:

— « Chó, canzoada! Fóra moleiros, senão vae lá o malho grande. »

— « A elles, a elles! » vociferava o populacho.

— « Abaixo a rusga! Casca nas alforrecas; viva a arraia miuda! » gritava a cégarrega da Portagem.

— « Mata o corcovado! Fóra o enguiço! »

E a multidão arremettia, revolvendo-se com estrondosas pragas. O ferreiro, e os bésteiros não arredaram pé, esperando o encontro. A sua firmeza paralisou a gentilha um instante. No meio d'esta especie de tregua uma pedra feriu lume na columna da picota, a que ainda se encostava o alfageme.

— « O teu arco Fromariz » disse este ao bésteiro mais visinho. « O teu arco. A mão, que atirou esta, não atira mais nenhuma. »

E retezando a corda, elevou o arco, mirou um instante, e um gemido agudo quasi que se uniu com o silvar da frecha despedida. Um corpo rolou no chão, duas mãos convulsas arranharam a terra, e o susurro dos murmurios zumbiu ao longe. Muitos principiaram a retirar.

— « Voltem, filhos, andem! » dizia o armeiro encostando-se ao arco desarmado.

Aquella serenidade conteve um momento a plebe; mas d'ahi a pouco, ardendo em furia, estalando mil gritos a um tempo, atirou-se como fera aos inimigos, e uma lucta céga, férvida e tremenda, braço a braço, peito a peito, rompeu entre ella e os bésteiros. O alfageme distinguia-se pela estatura de Hercules, descarregando a acha d'armas ás duas mãos.

O resultado todavia não podia ser duvidoso. Se em meia hora o não soccorressem, mestre Pedro e os seus, eram esmagados pelo tropel do povo, crescendo a cada instante sobre elle, impetuoso e terrivel.

Acima do ruido da peleja, do vociferar dos combates, e da açougaria das turbas, uma boa oitava, ouvia-se o tiple desesperado do honrado Sueiro Gundes.

— « Soccorro! Vem soccorro! Cérra, cérra! »

O deus Marte não era o predilecto do porteiro; as graças pacificas de Minerva seduziam-no mais. Por isso, apenas rompeu a peleja, subiu os degraus, marinhou pelo troço de pedra, e mettu-se dentro da gaiola do pelourinho, espreitando, da guarita ignominiosa, as eventualidades da batalha. As setas e as pedras assobiando voaram-lhe por cima da cabeça; e mestre Sueiro agachava-se, gemia, e como a ostra, não se arriscava a abrir a casca senão depois de razoavel espaço. Deste observatorio é que avistou

o soccorro, e ainda de lá proclamou aos defensores da lei, como um proconsul do balcão do seu palacio.

No caminho da Alcaçova para Almedina já soava o gallope de muitos cavallos. Olharam todos. D'ahi a pouco, dobrando uma quina, descobriu-se a cavalgada. O sol batia de chapa no capello (1) brunido e na malha luzente do cavalleiro que a mandava, scintillando nas lanças dos homens d'armas.

— «Fujam, fujam! . . . Morra Judas, viva Mafoma! . . .»

Soltando estes gritos, a gentilha retirava-se á pressa. Dous minutos depois o terreiro e as ruas contiguas estavam limpas, e o pendão de Gomes Lourenço, alferes e collago de Affonso II, esvoaçava na praça. Da sella do fogoso corcel, o cavalleiro moço ouvia a historia do motim, contada pelo armeiro, interpolada por Sueiro Gundes, que não podendo ser Achilles queria ser Homero, e glosada pelos suspiros e ais do virtuoso D. Zuleima.

O mancebo encerrou as discussões por uma sentença digna da cabelleira de Salomão.

— «D. Zuleima, meu amigo, ide para a vossa torre, e deixar cantar o povo, que elle chorará. Em tornando el-rei, esta villanagem ha de ter ensino. E tu, meu armeiro, vae pulir arnezes, temperar espadas, e nunca mais faças justiça por tuas mãos . . . sae cara, bem vês!»

— «De graça a tinha eu . . . mas quem eu quero não me quer! Com seu pão se ló coman; d'aqui por diante só por minha lei e minha grei, sr. D. Gomes, não torno a mecher nem com uma palha.»

— «Bem dito, alfageme! . . . Guarda-te para depois; cedo havemos de precisar de homens como tu, e dos teus elmos e das tuas cutellas, tambem, meu ferreiro.»

— «Cedo nós traga Deus quem dê e leve; esta calmaria não presta.»

— «Bem cedo, verás. Adeus, D. Zuleima; á sombra por uns dias; tomae o meu conselho.»

E dando de esporas ao ginete, deitou a bom trotar direito á ponte com os homens d'armas. Já se vê, que o soccorro fôra casual.

— «Dizei-me D. Estevinho, perguntou o armeiro, segurando um pagem, que má vespa ferrou em vosso amo, que o faz correr com tanta pressa?»

— «Elle que o diga, alfageme!» redarguiu alto o mancebo; e inclinando-se do cavallo com disfarce, murmurou ao ouvido do armeiro umas palavras, que tambem foram escutadas pelo judeu.

— «Nossa Senhora de Almedina nos acuda!» exclamou o ferreiro benzendo-se.

— «O christão . . . perdeu o sizo!» rosnou alto o thesoureiro. E D. Egas, o irmão de D. Gomes?»

— «Foi com el-rei para Monte-mór. Adeus!»

E o pagem partiu a gallope no alcance da sua gente.

O alfageme cogava a nuca, e ás olhadellas ao judeu scismava e resmungava, em evidente hesitação; por fim resolveu-se; e assentando com força a larga e callosa mão no hombro de mestre Zacharias, que deu um salto de susto, e um grito de dôr:

— «D. Zuleima» disse elle, «queres guerra, ou queres paz? Amigo, ou inimigo?»

— «Amigo!» atalhou o judeu supplicante, apreciando agora o valor da benevolencia de mestre Pedro.

— «Então para cá o meu fôro, as minhas terras, e o que me pilhou, entende? . . . Senão o dito, dito.»

— «Contae com tudo, como vosso, ou Deus me não acuda mais.»

— «E no S. João, que vem, tudo restituído, não?»

— «No S. João; ponho a minha cabeça.»

Perfeitamente reconciliados por este pacto, o ferreiro e o judeu, hombro a hombro, puzeram-se a caminho para a forja. «O nazareno deita-se a perder; não escapa!» rosnava D. Zuleima.

— «Quem, D. Gomes Lourenço!?! . . . Deve-lhe estes ossos, e não hei de ficar atraz! Deus me ajudará. Vou a Monte-mór.»

— «E tambem eu,» acudiu o thesoureiro.

— «Vós! sois muito amigo de D. Gomes?»

— «Muito,» redarguiu o judeu com ingenuidade. «deve-me cem maravedis.»

(Continúa.)

A PHILANTROPIA É A CARIDADE.

A philantropia e a caridade formam na moral dous pólos oppostos. A primeira tem os seus motivos na terra, a segunda no céu. A philantropia, para chegar á altura da caridade, precisa impregnar-se do sentimento religioso que lhe falta, de confundir-se, de transformar-se n'elle; a caridade, para apropriar-se tudo o que a philantropia tem de bom, não precisa de sair da sua esphera, nem de perder cousa alguma do seu character celeste. A philantropia, que um escriptor judicioso chama a falsa moeda da caridade, se quer o bem, é por considerações terrestres, sem enthusiasmo, sem paixão, sem verdadeiro sacrificio; a caridade inflamma-se, vive da abnegação e dos sacrificios; e o sentido, que ella contém, é de uma immensa sublimidade, é o amor da creatura como obra e imagem do Creador, é uma especie de culto, uma especie de adoração. Depois da palavra Deus, diz um philosopho, a palavra caridade deve occupar o primeiro lugar em todas as linguas humanas.

Caridade é um termo, assim como uma virtude, que não póde ter equivalente. Quem troca este termo por outro, esta por outra virtude, dá n'isso uma prova de rematada ignorancia, ou decidida impiedade. A philantropia, a humanidade, a compaixão, a beneficencia, não são senão elementos humanos da caridade; virtudes incompletas, se d'ella se separam; menos ainda, se são um resultado dos calculos do interesse, das combinações da vaidade, e se se materialisam como a falsa philosophia moderna.

Pergunte-se aos entusiastas da humanidade philosophica, aos que crêem ou affectam crer na possibilidade de todas as virtudes independentemente da religião, que actos de heroismo moral tem essa decantada humanidade produzido. Consultem-se os annaes dos povos, cujos dominadores trataram de os unir com os laços de fraternidade, depois de quebrarem os da religião; e veja-se quão baldados foram seus esforços, como a moral se relaxou ou se perdeu, como os odios, como as vinganças, como as traições, como os crimes se multiplicaram. No lugar de Deus poz-se a natureza, e a natureza era corrompida: a um systema organizado pela sabedoria infinita preferiram-se systemas organizados pelas paixões; como a peste, e como os terremotos, não deixaram após si senão ruinas.

(1) Elmo de aço pulido, liso e sem ornatos.